

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 2

Lilian de Souza
Fernanda Tonelli
(Organizadoras)

 **Atena**
Editora
Ano 2022

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 2

Lilian de Souza
Fernanda Tonelli
(Organizadoras)

 **Atena**
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadoras: Lilian de Souza
Fernanda Tonelli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões 2 / Organizadoras Lilian de Souza, Fernanda Tonelli. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0255-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.558221705>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Arte. I. Souza, Lilian de (Organizadora). II. Tonelli, Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Esta obra concentra discussões atuais e pertinentes no campo dos estudos da Linguística, Letras e Artes. Tendo como fio condutor o olhar sobre as linguagens e suas repercussões na esfera social, temos neste volume 18 capítulos escritos por autoras e autores de diversas partes do Brasil.

Ao longo de suas páginas, este *e-book* nos convida a esmiuçar as nuances das linguagens em suas mais diversas facetas. Temos relatos de experiências de práticas de ensino de português como língua materna e estrangeira, de outros idiomas e conteúdos relacionados à literatura, à inclusão, à poesia indígena, à negritude, ao canto, à linguagem publicitária e a toponímia das cidades paraenses, entre outros enfoques. Essas análises e práticas de uso das linguagens, bem como de seu ensino, se dão em contexto pandêmico e para além dele, enriquecendo o mosaico desta obra.

Quanto aos conteúdos do campo da Linguística, temos estudos sob diferentes perspectivas, como a Análise do Discurso, o Letramento, a Semântica textual, o Interacionismo, a gramática normativa, o enfoque na interação verbal e na pronúncia, as inteligências múltiplas, a variação linguística e os aspectos transculturais.







A diversidade de temas e referenciais teóricos são prova de que os estudos na área de Linguística, da Letras e das Artes seguem em plena atividade, cabendo a nós, pesquisadoras e pesquisadores, ampliar sua divulgação e espaços de debate.

Nosso agradecimento, portanto, à Atena Editora, por propor a publicação desta obra e às/aos colegas que se dispuseram a contribuir com seus manuscritos fazendo assim, ressoar seus saberes e práticas.


Boa leitura!

Lilian de Souza
Fernanda Tonelli

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
INTERAÇÕES ORAIS EM UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA EM CONTEXTO MULTILÍNGUE	
Douglas Altamiro Consolo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217051	
CAPÍTULO 2	13
PROJETO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM LÍNGUA PORTUGUESA EM VICÊNCIA-PE: UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA	
Gilvania Paula da Silva Almeida	
Jobson Jorge da Silva	
Miriam Paulo da Silva Oliveira	
Maria do Carmo da Silva Souza	
Rosilene Pedro da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217052	
CAPÍTULO 3	21
ANÁLISE DISCURSIVA DA POESIA INDÍGENA KAMBEBA	
Ana Cláudia Dias Ribeiro	
Paola Efelli R. de Sousa Lima	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217053	
CAPÍTULO 4	32
DO LEXEMA AO TEXTO: O ENSINO DO VOCABULÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA	
Lêda Pires Corrêa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217054	
CAPÍTULO 5	42
O ENSINO DA PRONÚNCIA E A HETEROGENEIDADE DA LÍNGUA ESPANHOLA: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO <i>SÍNTESES 1</i>	
Emanuel Bruno Rodrigues	
Marcela de Freitas Ribeiro Lopes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217055	
CAPÍTULO 6	58
VARIAÇÕES DA NORMA PADRÃO EM ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS	
Paula Fernanda Eick Cardoso	
Bianca Schmitz Bergmann	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217056	
CAPÍTULO 7	69
DISCURSOS DA INFORMAÇÃO EM (RE)FORMULAÇÃO NA ATUALIDADE: O UNIVERSO MIDIÁTICO CONSTRUÍDO NA ERA DAS <i>FAKE NEWS</i> E DA PÓS-VERDADE	
Ana Márcia Ruas de Aquino	


Carla Roselma de Atahyde Moraes
Daniela Imaculada Pereira Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217057>

CAPÍTULO 8..... 81

AFRODESCENDÊNCIA E PRÁTICA TRANSCULTURAL DE ESCRITA CRIATIVA EM MESTRADO DA UNIFACVEST, EM 2016

José Endoença Martins


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217058>

CAPÍTULO 9..... 97

A SEMIÓTICA, AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E O ENSINO DA LÍNGUA

Darcilia Marindir Pinto Simões

Maria Suzett Biembengut Santade


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217059>

CAPÍTULO 10..... 113

O ENSINO DA GRAMÁTICA NO CURRÍCULO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DE SUA IMPLEMENTAÇÃO

Mariana Gurgel Pegorini

Cristina Yukie Myiaki

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170510>

CAPÍTULO 11..... 125

LETRAMENTO DIGITAL: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS E ENSINO

Eduardo Almeida Flores


Raiani Sena Neves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170511>

CAPÍTULO 12..... 135

HISTÓRIA, IDENTIDADE E MEMÓRIA: UM ESTUDO SOBRE OS NOMES DAS CIDADES BRASILEIRAS DO SUDESTE DO PARÁ

Elaine Ferreira Dias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170512>

CAPÍTULO 13..... 142

CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO COM NOMES PRÓPRIOS COMPOSTOS

Edson Domingos Fagundes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170513>





CAPÍTULO 14..... 155

OS GÊNEROS DISCURSIVOS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE CATALÃO-GO

Patrícia Maria da Silva

Viviane Cristina de Alencar Tomé

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170514>

CAPÍTULO 15.....	167
CORAIS DE ESCOLA E CONTRA-HEGEMONIA: O PAPEL DO REGENTE/EDUCADOR FRENTE ÀS FORÇAS SOCIOCULTURAIS DOMINANTES	
Patrick Ribeiro do Val	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170515	
CAPÍTULO 16.....	185
O DIALOGISMO NO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO DE CONCEPÇÃO BAKHTINIANA	
Wyama e Silva Medeiros	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170516	
CAPÍTULO 17.....	195
CONHECIMENTO DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO SOBRE O LETRAMENTO ESCOLAR PARA ESTUDANTES CEGOS E COM BAIXA VISÃO	
Luana Monteiro Rodrigues	
Suelene Silva Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170517	
CAPÍTULO 18.....	217
PRÁTICA PEDAGÓGICA E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: O QUE PENSAM OS PROFESSORES DAS SÉRIES INICIAIS	
Edna da Silva Torres	
Joas Moraes dos Santos	
Márcia Suany Dias Cavalcante	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170518	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	227
ÍNDICE REMISSIVO.....	228

CAPÍTULO 4

DO LEXEMA AO TEXTO: O ENSINO DO VOCABULÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Data de aceite: 02/05/2022

Data de submissão: 09/03/2022

Lêda Pires Corrêa

Universidade Federal de Sergipe (UFS)
São Cristóvão, SE
<https://orcid.org/0000-0002-9040-4601>

RESUMO: O processo semântico de designação das coisas do mundo pode denotar ou conotar vários sememas que se perfilam como percursos de sentido distintos e mutuamente exclusivos que frequentemente geram incompatibilidades semânticas. A designação de um lexema e a seletividade lexical, em situações de uso comunicativo, implicam não só o conhecimento definicional do lexema, como também o conhecimento enciclopédico ou cultural e seu funcionamento no universo textual-discursivo. Para fundamentar tal pressuposto, este capítulo aplica o Modelo Semântico Reformulado, proposto por Eco (2014), que possibilita compreender os sememas de um dado lexema como enciclopédias ou percursos de leitura, pelo encaixe de cada representação semântica em seleções contextuais mais ocorrentes na enciclopédia. Em situações de uso comunicativo, o usuário da língua, com auxílio das seleções contextuais dos principais lexemas ocorrentes em um texto específico, pode construir percursos de leitura e expandir seu repertório vocabular pela análise dos semas que compõem o semema e interpretar o lexema

como uma rede complexa de unidades culturais e de cadeias intertextuais, num processo de *semiose ilimitada*. Nessa perspectiva, objetiva-se propor estratégias teórico-metodológicas para o estudo do vocabulário da língua portuguesa em processos comunicativos e interculturais no contexto de ensino dessa língua, de modo a que o falante desenvolva competências léxicas e enciclopédicas, que maximizem sua performance como leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Portuguesa. Vocabulário. Semântica. Texto.

FROM LEXEME TO TEXT: VOCABULARY TEACHING OF THE PORTUGUESE LANGUAGE

ABSTRACT: The world's things' designation semantic process can have different connotation or denotation of several sememes that are profiled as distinct and mutually exclusive paths of meaning that often generate semantic incompatibilities. In communicative situations, the designation of a lexeme and lexical selectivity does not only imply on the definitional knowledge of the lexeme, but also encyclopedic or cultural knowledge and its usage in the textual-discursive universe. To support this assumption, this chapter applies the Reformulated Semantic Model, proposed by Eco (2014), which makes it possible to understand the sememes of a given lexeme as encyclopedias or reading paths, by fitting each semantic representation into contextual selections that are more common in the encyclopedia. In situations of communicative use and with the help of contextual selections of the main lexemes occurring in a specific text, the Portuguese

language speaker can build up reading paths and expand their vocabulary repertoire by analyzing the semes that make up the sememe and interpreting the lexeme as a complex network of cultural units and intertextual chains, in a process called *unlimited semiosis*. In this perspective, the goal of this chapter is to propose theoretical-methodological study strategies of the Portuguese language vocabulary through communicative and intercultural processes that are present in the teaching context of the language. The idea behind such study is to maximize the speaker's lexical development and encyclopedic competences, enhancing their performance as Portuguese readers.

KEYWORDS: Portuguese language. Vocabulary. Semantic. Text.

1 | INTRODUÇÃO

Este capítulo trata do lexema como unidade portadora de significação nos processos comunicativos. Essa concepção está presente em modelos semânticos orientados para o texto, como os de Katz e Fodor (1977), Greimas (1973) e Eco (1986, 2014) que, embora apresentem hipóteses teóricas distintas, acrescem a seus modelos de significação elementos típicos do ato comunicativo.

Um ponto consensual entre esses três modelos de significação é o de que consideram o contexto como um aspecto integrante e necessário à análise componencial ou sêmica. Além disso, todos eles concordam que o contexto ou os contextos mais prováveis de ocorrer em manifestações discursivas determinam as variações sêmicas do quadro componencial do lexema. Segundo Greimas (1973), é evidente que a totalidade dos contextos possíveis de ocorrer na comunicação esgotaria todas as variáveis sêmicas e tornaria possível postular uma teoria semântica global. Dada a impossibilidade de previsão global pelo código de todas as variáveis sêmicas, em virtude da multiplicidade de contextos discursivos, tais modelos de significação operam com contextos convencionados pelo uso, que se incorporam ao código para prover parcialmente os sentidos possíveis dos lexemas na profusão de situações comunicativas.

O conceito de *semiose ilimitada*, postulada por Peirce (1977) e retomada por Eco (2014), não corrobora com a realização de uma teoria global da significação, mas abre a presunção para o movimento de geração ilimitada de funções sígnicas. Essa geração é fundamentada pela noção de interpretante: um signo só pode ser explicado por outro signo. Desse modo, o objeto semiótico de uma semântica é, antes de mais nada, o conteúdo, não o referente, sendo aquele definido como uma unidade cultural. Pelo fato de que para estabelecer o significado de um significante se faz necessária a presença de um outro significante, que, por sua vez, é interpretado por outro significante, e assim sucessivamente, é que se tem a garantia de um sistema semiótico explicar-se a si próprio, em seus próprios termos.

O vocabulário de uma língua é a prova maior de que essa circularidade é condição da significação, uma vez que uma unidade lexical se explica por outra, e assim sucessivamente

e de modo ilimitado. Com efeito, a semiose ilimitada como condição da significação e da comunicação não se restringe apenas ao léxico, mas a outras unidades semióticas. Por exemplo, o interpretante pode ser o significante equivalente (ou aparentemente equivalente) num outro sistema semiótico, como quando se pode fazer corresponder o desenho de uma cadeira à palavra [cadeira].

O significado de um significante, entendido como unidade cultural veiculada por outros significantes e, por isso, semanticamente independente do primeiro significante, possibilita afirmar a inexistência de sinônimos perfeitos, mas assimila o significado à sinonímia. Uma unidade cultural não pode, porém, ser identificada apenas pela série dos seus interpretantes, deve ser definida como posta num sistema de outras unidades culturais que se lhe opõem ou a circunscrevem. Nesse caso, tem-se a antonímia.

A questão do referente, todavia, não pode ser desconsiderada. A pergunta que se propõe a isso é: como estabelecer uma correspondência entre propriedades semânticas de um semema (matéria nitidamente semiótica) e as supostas propriedades não semânticas de uma coisa? Eco (2014) admite que a inserção do referente em um modelo semântico só é possível se o referente assumir o aspecto de uma entidade semioticamente apreensível. Isso implica subtrair o entendimento do referente como um objeto empírico tão-somente. Para tentar responder a essa questão, recorre-se a Locke (2012), em sua obra *Ensaio sobre o entendimento humano*, publicada no século XVII, por volta de 1690, na qual esse autor postula que as ideias não são a imagem especular das coisas, mas o resultado de um processo de abstração, pelo qual ficam retidos apenas alguns traços pertinentes ao objeto, que não é sua essência individual, mas sua essência nominal, a qual é em si mesma uma síntese, uma reelaboração da coisa significada. Mais tarde, Peirce (1977), baseando-se no pensamento de Locke, afirma que as ideias, enquanto resultado de um esquema perceptivo, também são entidades semióticas, ou melhor, signos.

2 | LÉXICO E MODELOS SEMÂNTICOS

O Modelo Semântico Reformulado, proposto por Eco (2014), doravante MSR, cumpre o mesmo papel do modelo semântico de Katz e Fodor (1977), apenas no que tange à função de como usar as palavras para referir-se a estados do mundo. O código não organiza signos, mas provê regras para gerar signos como ocorrências concretas no curso da interação comunicativa.

O modelo semântico de Katz e Fodor (1977) situa-se no esquadro do paradigma estruturalista e objetiva, em linhas gerais, descrever a estrutura semântica de uma língua, tomando por base as regras de projeção das gramáticas gerativo-transformacionais e as lacunas por elas deixadas no âmbito da competência semântica do falante. Para justificarem a elaboração de uma descrição semântica por regras de projeção, os autores argumentam que uma sentença pode ser gramaticalmente adequada, contudo podem

conter itens lexicais que causam ambiguidade ao intérprete. A sentença *O banco é grande*, por exemplo, causa ambiguidade do ponto de vista semântico, uma vez que o lexema / banco/ pode significar <<instituição financeira>> ou <<tipo de assento>>. Para eles, apenas o complemento contextual linguístico da frase pode resolver a questão da ambiguidade lexical, como em *O banco é grande, mas cabe nesta saleta*, em que /banco/ significa <<tipo de assento>>.

Basicamente, a teoria semântica de Katz e Fodor (1977) constitui-se por dois componentes: o dicionário e o conjunto de regras de projeção, conforme a Fig. 1:

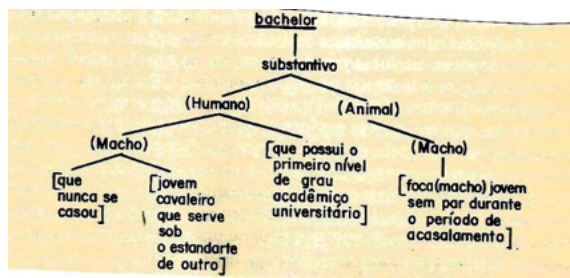


Figura 1-Modelo Semântico de Katz e Fodor

As críticas que recebeu essa teoria foram muitas, dentre as quais são aqui apresentadas e discutidas as de Eco (2014), que culminaram na abertura de caminhos para a sua proposta do modelo semântico reformulado. O modelo semântico, proposto por Eco (2014), tem como ponto de partida o de Katz e Fodor (1977), com base primeira na semiótica de Peirce, indiretamente em aspectos do modelo de Quillian (1968), na gramática textual de van Dijk (1978) e na proposta de Greimas (1973). Dada a influência direta do modelo de Katz e Fodor sobre o MSR, de Eco, este capítulo trata desses dois modelos.

São seis as limitações do modelo de Katz e Fodor (1977), apresentadas por Eco (2014), e por ele reformuladas em seu MSR, a saber:

1.Limitação: o modelo semântico de Katz e Fodor tem os limites de dicionário, conforme exemplificado, na referida Figura 1 do presente capítulo, pelo lexema <<bachelor>>;

Reformulação: o MSR, por sua vez, ultrapassa os limites do dicionário, ao propor uma análise componencial enciclopédica;

Comentário: a competência, com base no dicionário, é ideal e insuficiente para tratar as unidades semióticas como unidades de cultura. Desse modo, Eco postula uma competência enciclopédica, que é histórica e social, portanto, prevê a competência semântica real do falante;

2.Limitação: as marcas semânticas do modelo semântico de Katz e Fodor fazem referência a um certo “platonismo”, ou seja, são muito genéricas e, não raro, insuficientes

para distinguir dois percursos de leitura de um mesmo lexema. Observe novamente a Figura 1 e note que as marcas semânticas - aquelas que estão entre parênteses – são tão genéricas que inviabilizam distinguir o lexema <<bachelor>> como jovem celibatário cavaleiro medieval, como estudante concludente da graduação ou como foca macho sem parceira sexual. Outra limitação importante desse modelo semântico consiste em não possibilitar uma análise componencial ampla, porque cada marca semântica ou sema não é concebido como algo inserido em uma rede de interpretantes correlacionados. Em outros termos, o modelo não prevê a semiose ilimitada;

Reformulação: no MSR, a presença das seleções contextuais e circunstanciais na cadeia componencial distingue os diversos percursos de leitura do semema enciclopédico ou histórico-cultural;

Comentário: a inserção dos sentidos culturalmente construídos, denominados enciclopédicos no MSR, só se torna possível pelas seleções contextuais e circunstanciais, que distinguem os percursos de leitura de um lexema, com a atribuição de muitas denotações e conotações.

3.Limitação: as conotações não são levadas em consideração no modelo de Katz e Fodor, em face do pequeno limite de amplitude da cadeia componencial do lexema. Na Figura 1, por exemplo, só há espaço para sentidos denotativos (entre colchetes), denominados *distinguishers*, por isso tal modelo não consegue dar conta nem mesmo da produção de um bom dicionário;

Reformulação: O MSR prevê as conotações.

Comentário: No campo das conotações, há subcódigos, que decorrem das denotações e/ou das seleções contextuais e circunstanciais, bastante difundidos pelos quais, pelo menos na civilização ocidental, o lexema <<solteiro>> pode conotar tanto <<dissoluto>> quanto <<jovem desejável>> ou mesmo <<libertino>>.

4.Limitação: os contextos não são previstos no modelo semântico de Katz e Fodor;

Reformulação: Há seleções contextuais e circunstanciais no MSR;

Comentário: Eco introduz, no MSR, as seleções contextuais e circunstanciais em seu modelo para ampliar as correspondências entre lexemas e seus interpretantes, bem como para traçar a intersecção entre a teoria dos códigos e a teoria da produção sígnica. Em síntese, resolve o hiato entre a semântica e a pragmática.

5.Limitação: Os *distinguishers* exibem uma impureza extensional, uma vez que são descrições do referente concreto, isto é, o referente não assume as características de uma entidade semioticamente apreensível;

Reformulação: Um referente em si não tem sentido. Ele é apenas algo no mundo empírico. Assim, no MSR, o referente é um estado do mundo, portanto uma categoria semiótica, com significados variados no uso corrente da língua.

Comentário: O referente é uma percepção sensorial e, como tal, pode ser representada semiótica e culturalmente no sistema de representações semântico-pragmáticas.

6.Limitação: o modelo de Katz e Fodor descreve apenas expressões verbais traduzíveis em sinônimos ou paráfrases;

Reformulação: o MSR amplia o modelo para além do universo linguístico e decompõe lexemas não-verbais e termos sincategoremáticos, como palavras gramaticais (sem vs com, por exemplo);

Comentário: essa etapa do MSR não será desenvolvida no presente capítulo, tendo em vista sua ênfase aos aspectos verbais desse modelo semântico.

3 | TEXTO E LEITOR COOPERATIVO PELA APLICAÇÃO DO MSR NO ENSINO DO VOCABULÁRIO

Um texto é sempre incompleto e distingue-se de outros tipos de expressão pela sua complexidade sócio-histórica e discursiva. Tal característica dos textos deve-se ao fato de ele ser entremeado por enunciados implícitos, não manifestados na superfície lexemática, salvo pelos movimentos cooperativos do leitor, que deve primeiramente atualizar a própria enciclopédia e executar um trabalho inferencial para trazer à tona o que está submerso. Para atualizar as estruturas discursivas, o leitor confronta a manifestação linear com o sistema de códigos e subcódigos, fornecidos pela língua em que o texto foi escrito e pela competência enciclopédica a que a tradição cultural se inscreve nas cadeias lexemáticas.

À aplicação do MSR, proposto por Eco (2014), antecede, por óbvio, breve explicação das categorias desse modelo, genericamente representado neste diagrama:

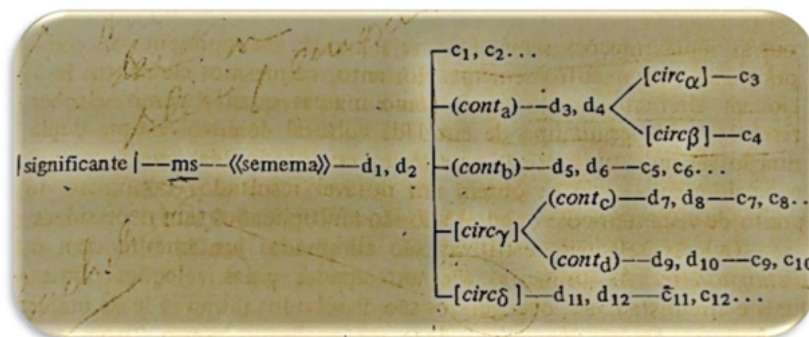


Figura 2- Modelo Semântico Reformulado, de Umberto Eco

A entrada é representada por um significante entre barras $/x/$, seguido pela marca sintática (ms) a ele correspondente. Por exemplo, a marca sintática pode ser um “nome”, um “substantivo”, “verbo” etc. Em seguida, vem o <<lexema>>, que equivale para Eco (2014) ao <<semema>>. No exemplo genérico, o lexema é representado entre setas duplas <<x>>. Os d e os c são denotações e conotações; ($cont$) são seleções contextuais; [$circ$] são seleções circunstanciais.

Com efeito, as seleções contextuais e circunstanciais, assim como a cadeia de sememas, são igualmente unidades culturais. A diferença entre as duas seleções é que a primeira registra outros lexemas ou grupos de lexemas comumente associados ao lexema representado; a segunda, registra outros significantes ou grupos de significantes que pertencem a diversos sistemas semióticos. No MSR, por exemplo, não se faz necessário mencionar todas as possíveis ocorrências contextuais e circunstanciais de um dado item lexical, mas apenas aquelas cultural e convencionalmente reconhecidas pela alta frequência de uso.

No poema, de Carlos Drummond de Andrade, a seguir, aplica-se o MSR, com o objetivo de verificar sua eficácia no ensino do vocabulário textualizado em língua portuguesa, a partir da análise dos principais lexemas pelas suas denotações e conotações contextualmente situadas, em certas cenas enunciativas circunstanciais.

No texto, há dois lexemas que contribuem para a interpretação do texto, ainda que não pertençam ao conteúdo semântico do corpo textual. São eles: autor e título. Para Marcuschi (2012), essas duas categorias textuais auxiliam na contextualização da leitura, embora não constituam propriamente a textualidade.

HIPÓTESE

E se Deus é canhoto

E criou com a mão esquerda?

Isso explica, talvez, as coisas deste mundo.

Autor

No caso do autor, o lexema é um nome próprio: <<Carlos Drummond de Andrade>>. Segundo Eco (2014), os nomes próprios são descritos, em seu modelo, sob a mesma perspectiva enciclopédica, pois se a representação de um semema confere a uma unidade cultural todas as propriedades que lhe são unanimemente atribuídas no âmbito de uma dada cultura, nada melhor que a unidade correspondente a um nome próprio ser institucionalmente descrita em todos os seus pormenores. Sob essa perspectiva, basta o nome próprio /Carlos Drummond de Andrade/ ser minimamente descrito como <<poeta, contista e cronista brasileiro>> para contextualizar o leitor no universo literário, em que ele provavelmente lerá um dos três gêneros textuais (poesia, conto ou crônica).

Título

O título do poema é formado apenas pelo significante /hipótese/. A análise componencial ou sêmica do lexema <<hipótese>> como um conjunto de instruções do conhecimento enciclopédico e das seleções contextuais e circunstanciais mais costumeiras em que esse conhecimento pode ocorrer, abre um leque de possibilidades de percursos de leitura.

O lexema <<hipótese>> apresenta um sentido denotativo que está sempre presente, independente do contexto, na cadeia enciclopédica desse lexema, a saber: d1 - <<ideia ainda sem comprovação, suposição, conjectura, mas que dela pode-se inferir uma conclusão>>. Pode d1, no entanto, ocorrer em contextos e circunstâncias muito variados.

Felizmente, o leitor não precisa ativar, antes da leitura do texto em questão, todas as possibilidades em que pode ocorrer a formulação de hipóteses. O sentido denotativo (d1) que o leitor precisa projetar é o percurso de uma <<ideia sem comprovação, suposição, conjectura, mas que dela pode-se inferir uma conclusão>>. >>.

Texto

O poema analisado compõe-se por três versos, sendo que os dois primeiros funcionam como premissas e o último como conclusão possível. O poema apresenta a forma sucinta de uma estrutura argumentativa, como postula van Dijk (1978): Hipótese (premissa) + Conclusão, ou ainda, se “p” então “q”. Em um rearranjo dos dois primeiros versos com o terceiro, edifica-se a estrutura argumentativa básica, assim representada:

Se “p” → *E se Deus é canhoto e criou com a mão esquerda?*
então ou logo
“q” → *Isso explica, talvez, as coisas deste mundo.*

Ao formular a hipótese e a conclusão do texto, observa-se que no enunciado conclusivo “q”, ocorre o lexema <<talvez>>, cujo semema <<indica possibilidade, mas não certeza>> indica a dúvida ou incerteza como circunstância da enunciação, porque sua hipótese em forma de pergunta apresenta como resposta, não uma conclusão necessária, mas possível.

A circunstância [circ], instaurada entre a hipótese (pergunta) e a conclusão (resposta), é o nexos de possibilidades entre “p” e “q”, que não é um nexos necessariamente causal. Tais possibilidades, no caso de texto em prosa, poderiam ser explicitadas como argumentos de sustentação da hipótese enunciada. No entanto, trata-se de um texto poético e os argumentos que poderiam entremear essa relação não estão presentes no texto, por isso precisam ser construídos cooperativamente pelo leitor, pela via inferencial e pela abertura de novas cadeias de lexemas organizadas pela enciclopédia ou pelo conhecimento de mundo. Com base em quê? Com base nas seguintes expressões: “E se Deus é canhoto” (p1) e “E se Deus criou com a mão esquerda” (p2).

<< Deus>> (cont. místico) sobretudo no cristianismo, ser supremo, criador do universo

<<canhoto>> d1. <<que usa preferencialmente a mão esquerda, canhoteiro, esquerdo>> c1 <<diabo>>

A seleção contextual da mística pode se abrir a diferentes percursos de sentido ligados a ela. Por exemplo, pode-se decidir abrir a enciclopédia de outras religiões monoteístas, como o judaísmo ou o islamismo, além do cristianismo, por exemplo. As

religiões politeístas, por sua vez, não entram nessa enciclopédia e devem ser narcotizadas.

O enunciado “E se Deus é canhoto” (p1) pode também ser lido conotativamente como “E se Deus é diabo”, porque na enciclopédia <<canhoto>> é conotado como <<diabo>>. A axiologia, na história religiosa, é negativa, com relação ao lado esquerdo, e positiva com relação ao lado direito. A análise componencial enciclopédica abre a possibilidade de construção de roteiros intertextuais, dentre os quais situa o texto da Bíblia, e nele todo o espectro da cultura judaico-cristã, que avalia positivamente o lado direito. Segundo o livro Levítico, a perna direita sacrificada era oferecida aos sacerdotes. Moisés, no Êxodo, dirige-se assim a Deus: “Em sua direita, gloriosa está a força”. E, no Eclesiastes, se lê: “o coração do sábio o guia para a direita, e o do néscio, para a esquerda”.

No Novo Testamento, o Messias se sentará “à direita de Deus” (Mt16) e, depois do juízo final, os justos se colocarão à direita do Altíssimo e os condenados à sua esquerda.

Dante Alighieri, na *Divina Comédia*, coloca o paraíso à direita e o inferno à esquerda. Na Idade Média, os canhotos eram queimados como praticantes de bruxarias, mensageiros da morte e enviados do diabo.

Há um belo conto de Machado de Assis, intitulado ‘A Igreja do Diabo’, em que o Diabo resolve ter sua própria Igreja e leis para a conversão de fiéis. Há um trecho em que o diabo define a fraude como o braço esquerdo do homem e a força, o seu braço direito. E conclui: “muitos homens são canhotos, eis tudo”.

O enunciado “E se criou com a mão esquerda”, por associação, carrega toda a simbologia negativa da mão esquerda. Do que é sinistro, do mau agouro, do funesto.

Na conclusão “q” *Isso explica, talvez, as coisas deste mundo*, o movimento anafórico do dêitico /isso/ traz para a conclusão toda a carga negativa sobre a criação das coisas do mundo, mas não de outros mundos, e sim deste mundo. O uso catafórico do dêitico /deste/ identifica um mundo particular, certamente, refere-se ao mundo terreno e suas coisas (-animado).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um lexema em estado de dicionário é, em si, incompleto, porque não abarca os conhecimentos enciclopédicos, cuja importância, nos processos comunicativos de leitura textual e de aprendizado do vocabulário de uma língua, reside na possibilidade de explicitar os sentidos implícitos de um dado lexema pela aplicação do Modelo Semântico Reformulado, proposto por Eco (2014), que se abre para a expansão dos processos de significação do lexema, devido à ação da semiose ilimitada dos interpretantes.

O texto, assim como o lexema, é também incompleto, uma vez que seus enunciados explícitos não são suficientes para que o leitor construa satisfatoriamente seu percurso de leitura. O texto requer a ação de um leitor cooperativo, capaz de abrir, por assim dizer, o dicionário para toda palavra que encontre e de recorrer a uma série de conhecimentos

enciclopédicos preexistentes.

Essa atitude cooperativa do leitor está intimamente ligada ao seu conhecimento de mundo, condensado nos lexemas atualizados em textos concretos. Portanto, a aplicação do MSR se mostra como um recurso eficaz para expansão dos conhecimentos culturais e pela ativação e correspondências de roteiros intertextuais, conforme ficou demonstrado na análise do poema “Hipótese”, de Carlos Drummond de Andrade.

Por fim, vale ressaltar que esse modelo semântico opera na correlação entre a teoria dos códigos e a teoria da produção sógnica, de modo a proporcionar a relação inexorável entre a semântica e a pragmática.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

ASSIS, Machado de. **Seus trinta melhores contos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

ECO, Umberto. (1975). **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. (1979). **Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

GREIMAS, Algirdas Julien. (1966) **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1973.

HERTZ, Robert. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. In: **Religião e sociedade**. Rio de Janeiro: Tempo e Presença. n.06, pp. 99-128, 1980.

KATZ, Jerrold J. Teoria semântica. (1964). In.: LOBATO, Maria Pinheiro. **A semântica linguística moderna: o léxico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

KATZ, Jerrold J. e FODOR, Jerry A. (1964). Estrutura de uma teoria semântica. In.: LOBATO, Maria Pinheiro. **A semântica linguística moderna: o léxico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

LOCKE, John.(1690). **Ensaio sobre o entendimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto: o que é e como se faz?**.São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

PEIRCE, Charles Sanders. (1931). **Semiótica**. São Paulo, Perspectiva, 1977.

VAN DIJK, Teun A. **La ciencia del texto: um enfoque interdisciplinario**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1978.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afrodescendente 81, 82, 83, 84, 86, 89, 90, 91, 92, 95

Análise de discurso 21, 25, 112

Anúncios publicitários 58, 59, 61, 62, 66, 67, 152

B

Bakhtin 14, 19, 155, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194

C

Canto coral 167, 168, 169, 171, 172, 182, 183, 184

Concordância nominal 14, 142, 143, 151, 153

Contra-hegemonia 167, 168, 169, 171, 182

Cultura brasileira 1, 113, 122

Currículo 16, 113, 114, 115, 116, 119, 123, 124, 156, 159, 165, 173, 174, 177

D

Deficiência visual 195, 206

Dialogismo 164, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193

Discurso ideológico 21

Discursos da informação 69

E

Educação 11, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 42, 56, 65, 82, 91, 96, 114, 115, 116, 119, 123, 124, 126, 128, 129, 130, 131, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 165, 166, 167, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 207, 208, 209, 211, 217, 222, 225, 227

Educação musical 167, 169, 170, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184

EJA 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 166

Ensino-aprendizagem 42, 117, 124, 164, 200, 201, 202, 204, 209, 225

Ensino médio 42, 43, 48, 49, 50, 56, 57, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 121, 123, 124, 184

Epistemologia 14

F

Fake news 69, 70, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80

Formação de professores 1, 13, 165, 227

G

Gêneros discursivos 116, 117, 118, 155, 156, 160, 161, 164, 186, 195, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208

Gramática normativa 58, 59, 67

H

Heterogeneidade 12, 42, 43, 45, 46, 47, 49, 53, 55, 60, 67, 168, 207

I

Identidade 16, 22, 23, 24, 26, 30, 77, 78, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 95, 116, 133, 135, 138, 140, 160, 161, 164, 188

Inteligências múltiplas 97, 98, 99, 100, 103, 110, 111

Interação verbal 1

Interacionismo sociodiscursivo 185, 187, 190, 192, 193

L

Letramento digital 125, 127, 129, 133

Letramento escolar 195, 199, 202, 208

Língua espanhola 42, 43, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 227

Linguagem 14, 17, 18, 26, 27, 46, 48, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 68, 79, 87, 98, 99, 100, 101, 105, 108, 111, 112, 116, 118, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 142, 145, 147, 150, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 180, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 201, 202, 207, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Linguagem da publicidade 142

Linguagens 14, 18, 56, 91, 116, 118, 119, 120, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 174, 181

Língua-inglesa 155

Livro didático 12, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 53, 54, 55, 56, 57, 117, 120, 122, 166

M

Memória 6, 17, 19, 21, 22, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 99, 135, 217, 223

Memória oral 21, 24, 25

Multimodalidade 97, 100, 102, 109, 110, 112, 130

N

Negrice 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 91, 92, 93

Negritude 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94

P

Poesia indígena 21, 24, 26, 28, 30

Pós-verdade 69, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80

Prática social 125, 126, 127, 129, 132, 196, 207, 218, 221

Procedimentos em rede 167, 176, 177, 179

Produção oral 1, 2, 45, 50, 52

Professores 1, 2, 3, 6, 9, 11, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 45, 47, 49, 50, 92, 98, 105, 113, 115, 117, 120, 121, 122, 124, 126, 128, 130, 131, 133, 160, 165, 173, 174, 175, 178, 195, 200, 201, 205, 208, 211, 217, 218, 219, 223, 224, 225, 227

Pronúncia 7, 8, 11, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 63

S

Semântica 15, 32, 33, 34, 35, 36, 41, 83, 181

Sudeste do Pará 135

T

Texto 11, 14, 17, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 48, 51, 52, 57, 65, 66, 69, 71, 72, 75, 83, 85, 97, 100, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 127, 140, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 163, 164, 171, 191, 199, 201, 203, 204, 206, 207, 210, 212, 219, 220

Toponímia 135, 136, 138, 140

Transculturalidade 81

V

Varição e mudança no PB 142

Varição linguística 58, 67, 120, 143

VARISUL 142, 143, 144, 152, 153


Vocabulário 8, 32, 33, 37, 38, 40, 55, 224


LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 


www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Ano 2022


LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora
Ano 2022